R$2,00

Correio dos Trabalhadores

Uma Publicação **do Movimento Revolucionário**

Edição número 43 - Ano 4 - A serviço dos Trabalhadores e da Revolução Socialista

2011: Aumentam as lutas e greves.

A classe trabalhadora responde aos ataques de Dilma.

página 4 e 5.

Uma Palestina realmente soberana só será possível derrotando Israel e o Imperialismo

página 3

A indignação toma as ruas de todo o mundo!

página 6

Por que construir e organizar um grande Movimento Revolucionário?

página 7

Mais um grande triunfo da Revolução Líbia

Nota da C.R.I - Corrente Revolucionário Internacional

A morte do ditador líbio Muhamar Kadafi impactou os noticiários do mundo inteiro. Talvez seja uma das cenas mais fortes e impressionantes da história divulgadas imediatamente pela internet e veículos de comunicação. Forte pela radicalização e circunstâncias da morte de um dos mais sanguinários ditadores, que permaneceu mais de 40 anos no poder, a base de muito sangue derramado, repressão e miséria extrema do povo.

Os rebeldes que tomaram o poder em Tripoli não desistiram da luta até que encontrassem Kadafi. Muitos ativistas perderam amigos, familiares e ativistas mortos pela ditadura de Kadafi nas últimas décadas. Não poderiam acabar com a revolução Líbia antes de ter o ditador em suas mãos e o executarem em praça pública, através dos métodos populares do linchamento e execução com armas de fogo.

A revolução deve avançar!

Justamente a radicalização das massas que mataram Kadafi determina que a revolução também não deve acabar agora. Kadafi era o ditador, a expressão personificada de um regime e sistema que vigoram na Líbia ainda hoje. Kadafi foi o porta-voz e o chefe de um Estado dominado pela burguesia, que nos últimos anos vem aplicando um plano de entrega das riquezas e do petróleo do país para empresas estrangeiras, enquanto a população sobre com a fome e o desemprego.

Nesse sentido, a morte de Kadafi é uma injeção de animo para que a revolução siga até derrotar a burguesia de conjunto. Para isso, é preciso impedir que o CNT (conselho nacional de transição), tome a frente das decisões política do país e imponha um plano política de desarmar os rebeldes e povo líbio para dar continuidade a mesma política de Kadafi, ainda que com a maquiagem da demoracia burguesa.

Não foi por acaso que muito se ouviu dizer que quem tomou o poder em Tripoli e quem matou Kadafi foram as tropas da OTAN. Quem afirma isso são os mesmos que dizem que a OTAN, OS EUA e a Europa vão praticamente governar a Líbia junto com o CNT, e participar da reconstrução do país levando suas empresas a explorarem o petróleo líbio.

Kadafi foi morto pelo povo líbio, não pela OTAN

Entretanto, as imagens da morte de Kadafi não deixam dúvidas: quem matou o ditador foram as massas, os rebeldes e as milícias populares que travaram uma luta heróica nos últimos 9 meses neste país. Tanto é assim, que alguns jornais burgueses são obrigados a reconhecer a verdade dos fatos.

A exemplo do Clarin da Argentina: “A aliança atlântica tentou, desde o inicio dos ataques a Líbia, dar à rebelião dos líbios o mérito de acabar com esta ditadura pró-ocidental e desativar deste modo um exemplo imitável em uma região cheia de tiranias.”

Esta nota expressa o pensamento dos burgueses mais poderosos, aqueles que atacaram Kadafi não por serem democráticos nem defensores dos direitos humanos, mas para evitar que a revolução árabe avance e se radicalize, empurrada pelo exemplo das milícias populares e dos rebeldes líbios.

Clarin explica o fracasso desta política preventiva: “foi essa gente e não os bombardeios aliados que tomaram Tripoli em 48 horas”..foram os rebeldes que encontraram o tirano em Sirte depois que a OTAN e EEUU afirmaram que o ditador teria caído em função dos ataques da OTAN. A batalha em Sirte e a derrota militar de Kadafi foram triunfos das massas Ipibias e não do imperialismo ou do governo capacho do CNT, mais preocupados em desarmar o povo líbio do que com qualquer outra coisa. Um exemplo avassalador para todos os trabalhadores e povos do mundo inteiro.

Trabalhadores comemoram mais uma vitória da revolução Líbia - a morte de Kadafi.

Mais do que nunca, é hora de apoiar os revolucionários líbios

A Corrente Revolucionária Internacional saúda os milicianos e rebeldes líbios que venceram e terminaram com Kadafi, e dizemos a eles que esta vitória servirá para chegarmos a uma conclusão fundamental: confiar nas suas próprias forças e levar a revolução até o final. Devem conquistar o poder e construir um governo das organizações operárias e populares que lutam. Um governo que exproprie os monopólios, expulse as forças da OTAN e ponham as riquezas petrolíferas e todos os meios de produção a serviço das maiorias, construindo o socialismo.

A derrota militar e a morte de Kadafi são exemplos magníficos que incentivarão a todos os que lutam contra os planos de fome e repessão dos seus respectivos governos locais, particularmente aqueles como Síria ou Iemem, que estão massacrando seus povos.

Dessa forma, reafirmamos ta necessidade de que as organizações de esquerda, internacionalistas, que dizem apoiar a revolução Líbia, façam um esforço para enviar combatentes e militantes para este país. Devemos organizar brigadas internacionalistas para lutar na Libia, mais ainda agora que é um momento de grandes discussões políticas. Depois da morte de Kadafi a pergunta é “quem governa a Líbia:”. O CNT ou as milícias populares junto com os trabalhadores. Um governo capacho dos EUA e Europa ou um governo socialista.

A Corrente Revolucionária Internacional estende este chamado à LIT e as demais internacionais que reivindicam esta tradição trotskysta. É hora de apoiar os revolucionários líbios.

Uma Palestina realmente soberana só será possível derrotando Israel e o Imperialismo

Na recente assembleia geral da ONU o presidente da ANP (Autoridade Nacional Palestina) Mahmoud Abbas, apresentou formalmente ao organismo internacional o pedido de reconhecimento da Palestina como estado independente, o que implica também no reconhecimento do direito da Palestina possuir uma cadeira no órgão imperialista.

Vários representantes de países se manifestaram favoráveis à Abbas, porém a proposta trata-se de um retrocesso em toda a heroica luta do povo palestino. Abbas pede o reconhecimento da Palestina nas demarcações territoriais anteriores a 1967, ano em que ocorreu a Guerra dos Seis Dias, onde o Israel, combatendo as forças armadas egípcias, sírias e palestinas, obtiveram a anexação da Cisjordânia, das Colinas de Golã e de Jerusalém oriental. Por consequência, com essa proposta, Abbas capitula e reconhece o estado de Israel como estado legítimo.

Não por coincidência a proposta apresentada por Abbas é bastante similar a que Obama defendeu em meados de maio do presente ano. Obama na ocasião, respondendo a pressão cada vez maior sobre o imperialismo diante do levante popular protagonizado pelos países árabes, disse defender a constituição de uma Palestina livre. Porém o país em troca desse reconhecimento deveria abrir mão de seu direito de possuir suas próprias forças armadas, mesmo sendo vizinho de Israel, um dos países mais militarizados do mundo, e que possui até mesmo ogivas nucleares. Abbas demonstra assim estar em sintonia com o máximo que o imperialismo poderia ceder.

Apesar de Obama ter defendido tal proposta, durante a assembleia da ONU, descartou totalmente qualquer possibilidade de reconhecimento de qualquer tipo de estado palestino, e colocou sobre responsabilidade dos dois países chegarem a algum acordo. Isso por que na verdade o presidente norte-americano concorda, sem ressalvas, com os novos assentamentos que o governo judeu esta construindo, enquanto os palestinos lutam por seu estado - o governo israelense anunciou construção de 1200 novas casas na parte oriental de Jurusalém, área que, no projeto dos palestinos será o local da capital de seu estado, na mais consciente provocação.

É impossível que a ONU apoie a constituição de um estado próprio dos palestinos. Isso colocaria em cheque todo o projeto que o imperialismo aplica na região.

Mas mesmo que diversos países se declarem favoráveis a constituição de um estado palestino, o que determina se será levado a cabo tal decisão é o aval do Conselho de Segurança da ONU, composto por cinco membros: EUA, Rússia, China, Inglaterra e França. Rússia e China se declararam a favor dos palestinos, porém cada membro desse conselho de segurança possui o poder de veto, o que significa que basta que um deles diga não, e a ONU de conjunto não será favorável.

Dessa forma os EUA e as principais potências que compõe o conselho não vão apoiar uma medida que vá contra o interesse de seu aliado estratégico, Israel, e principalmente, os seus próprios interesses de exploração das riquezas da região.

Palestinos protestam na fronteira de Gaza com Israel.

Direção dos Palestinos dividida.

Enquanto Abbas apresentava o projeto rebaixado de uma Palestina, os palestinos acabaram ficando divididos, tudo pelas distorções que suas direções provocaram.

É fato que os palestinos, em seu conjunto, almejam obter um estado independente, por isso um amplo setor apoiou a iniciativa do líder da ANP. Porém outro amplo setor rechaçou essas medidas, por entender que a única forma de garantir um estado independente e soberano é lutando pelo fim do estado de Israel.

O Hamas, partido que governa a Faixa de Gaza, criticou duramente as atitudes do Fatah, partido de Abbas, que governa a Cisjordânia. Abbas em resposta ainda declarou que não "não há dialogo com terroristas" em resposta ao Hamas que denunciava a iniciativa de "dialogo'' com a ONU.

Nossa organização não apoia as medidas do Fatah, muito menos suas atividades terroristas, principalmente por se tratar de uma organização burguesa; mas concordamos nesse ponto que não existe qualquer possibilidade de existir uma palestina realmente livre obtendo o reconhecimento da ONU.

Fortalecer a luta dos povos árabes para derrotar o imperialismo!

O imperialismo atualmente esta totalmente na defensiva. Já não há condições de impor a base da força, as ocupações no Iraque e Afeganistão. Os recentes acontecimentos nos países árabes demonstram a fragilidade do imperialismo onde se viu impossibilitado de intervir frontalmente nos acontecimentos.

No caso da Palestina isso está se demonstrando de forma cada vez mais clara. Obama declarou-se favorável a constituição de um estado palestino para responder a essa crescente onda de mobilizações que coloca todo o sistema capitalista e seus planos contra a parede. Chega ao ponto das próprias organizações burguesas não se entenderem de uma forma coesa. A Unesco Organização das Nações Unidas para a educação, ciência e cultura, organismo ligado à ONU, se declarou favorável a constituição de um estado Palestino, causando constrangimento entre o órgão imperialista. Hillary Clinton foi á mídia para declarar que a determinação da Unesco não deveria ser levada em consideração dizendo que a Unesco não possui caráter deliberativo, por isso a declaração deve ser ignorada.

Os trabalhadores estão na maior ofensiva das últimas décadas contra a burguesia de seus países e o imperialismo. E os reflexos são nítidos na luta do povo palestino.

Quando o governo dos EUA declarou-se favorável a causa palestina quanto a constituição de um estado respondia a pressão dos povos árabes e a dos trabalhadores de seu próprio país, assim como até os trabalhadores dentro de Israel são cada vez mais simpáticos as causas palestinas, e são aliados na luta contra o governo de Benjamin Nethaniahu, que ataca os direitos desses trabalhadores também. São cada vez mais comuns manifestações dentro do estado de Israel entre árabes e judeus pela constituição de um estado palestino.

O exemplo mais categórico da radicalização que surge como uma onda entre o povo palestino data o dia 16 de maio deste ano, quando milhares de manifestantes, em sua maioria a juventude, se organizou pela internet para fazer uma grande manifestação. A iniciativa era juntar o maior número de refugiados palestinos em países vizinho (Síria, Jordânia, Líbano) e se concentrar próximos a região fronteiriça com Israel e tentar regressar ao território que foram expulsos em 1948, quando o estado de Israel foi implantado.

Os manifestantes sabiam do risco que corriam, por se tratar de regiões altamente militarizadas. Mesmo com um saldo de 15 mortos a data ficou marcada como mais uma demonstração de que o povo palestino não esta de cabaça baixa diante dos ataques permanentes de Israel e do imperialismo, e que a qualquer momento pode iniciar uma nova intifada.

Aos trabalhadores da Palestina está o cenário mais favorável dos últimos anos. A solidariedade de seus vizinhos árabes poderá chegar agora com a derrubada dos ditadores aliados de Israel e do imperialismo. Por isso esse não é o momento de fazer nenhuma concessão ao estado sionista. É sim a hora de organizar uma nova intifada onde todos os países árabes devem lutar conjuntamente para derrotar o inimigo em comum.

EDITORIAL !

A cada acontecimento da luta de classes a nível mundial fica mais claro que existe uma radicalização crescente entre os trabalhadores, tornando a conjuntura mundial cada dia mais revolucionária.O Brasil que sempre é considerado um país onde as lutas estão mais atrasadas, e de fato está, mesmo assim há indícios do aumento dessa radicalização que já são encontrados. Pudemos observar isso claramente na greve de duas das principais categorias do país: correios e bancários.

Nestas duas categorias o tom do governo e dos patrões foi sempre o mesmo – conceder somente a inflação do período. Porém o governo e os banqueiros perceberam ao longo das lutas que uma política de arrocho não bastaria. No caso dos correios o governo tentou desmontar a greve a todo o custo. Inicialmente se utilizando de seus capangas do movimento sindical. CUT e CTB defenderam propostas rebaixadas, mas a categoria disse não! A Alternativa de Dilma foi utilizar o TST para punir e retaliar os trabalhadores, onde foi colocado o desconto de 7 dias de salário, além da compensação dos outros 21 dias, correspondendo os 28 dias totais de greve. Mas mesmo assim tiveram que conceder mais do que gostariam.

Em relação a bancários o mesmo se deu. Os governistas, como de praxe, utilizaram o discurso da ''sensatez'' e da ''cautela'' para acabar com a greve depois de ter alcançado o índice de 12% para todos os bancos, além das propostas específicas para cada banco. Mas a novidade foi utilizar a experiência vivida pela categoria de correios. Os sindicalistas pelegos diziam que não podiam permitir que a greve seguisse por que iria para o TST, a exemplo do ocorrido nos correios, e lá todos os trabalhadores seriam retaliados.

Mas a maior vitória dessas greves foi política! Os trabalhadores perceberam que somente terão conquistas consideráveis quando esses sindicalistas vendidos forem varridos do movimento sindical. A militância do Movimento Revolucionário, em todo o momento buscou a unificação das lutas, incluindo a das citadas categorias. Os governistas dos sindicatos, a todo o custo, agiram para garantir que a unificação não saísse para preservar seu governo.

As greves e lutas desse último período tão o tom do que serão as lutas que estarão por vir. A experiência histórica que a classe trabalhadora brasileira tem absorvido esta servindo para clariar o caminho que deve ser seguido. O caminho de ruptura com as velhas centrais pelegas, da necessidade de derrotar os ataques do governo, o caminho de acreditar somente na própria força da classe trabalhadora, o caminho de buscar a luta política, não só a luta econômica, enfim, a luta pela revolução.

RAPIDINHAS !

www.movimentorevolucionario.org

Entre em contato pelos telefones:

Porto Alegre-RS: (51) 81310184
Restinga- POA-RS : (51) 91611754
Alvorada- RS: (51) 92560635
Gravataí - RS: (51) 93011531
Viamão - RS: (51) 92460043
Passo Fundo - RS: (54) 99617450
Rio de Janeiro - RJ: (21) 76644932
São Paulo - SP: (11) 37151557
Natal - RN: (84) 9965-8949

Endereço para contato:

Rio Grande do Sul
Sede Porto Alegre - Av. Borges de Medeiros nº 596, Ed. Tocandiras sala 41
Bairro Centro

Rio de Janeiro
Sede Rio de Janeiro - Rua do Riachuelo, 333 sala 1116
Bairro Centro

Rio Grande do Norte
Sede Natal - Av. Rio Branco, n°829, Ed. Padre Cícero, sala 108
Bairro Centro

Email: contato@movimentorevolucionario.org

A indignação toma as ruas de todo o mundo!

A crise econômica, aberta em 2008, até agora esta longe de uma solução. O marxismo demonstra que essa crise não é algo conjuntural, que exista a possibilidade de ser fechada por completo, mas bem pelo contrário, trata-se de uma crise estrutural, que mesmo amenizando-a, não há possibilidade de termina-la, sem acabar com o sistema.

Enquanto os governos dos principais países capitalistas submetem suas populações aos mais duros ataques, com o arrocho crescente, perda de direitos, demissões, etc.; cada vez mais os trabalhadores saem às ruas. Aumentam o número de greves, lutas, manifestações em um fenômeno mundial que demonstra o tom das próximos acontecimentos.

O movimento chamado de "Indignados", em alusão às manifestações ocorridas em mais deste ano (15-M) na Espanha, quando a juventude convocou a população para um grande acampamento em Madri para protestar contra os ataques do governo "socialista" de Zapatero. O acampamento foi utilizado a exemplo do método empregado pelos trabalhadores egípcios na derrubada de Hosni Mubarak.

Agora o movimento dos "Indignados" toma outros contornos, por se tratar de uma atividade coordenada de manifestações à nível mundial, onde milhares de pessoas se manifestaram nesse último dia 15 de outubro (15-O). A data coincide com a reunião de cúpula do G-20, reunião das 20 principais economias do mundo para discutir ações coordenadas de ataques aos trabalhadores, para evitar que os ricos sejam atingidos pela crise econômica.

Ação global contra os ataques da burguesia

Manifestantes concentrado em Wall Street

As mobilizações foram convocadas em 951 cidades de 82 países. Em alguns países a data foi só a continuação das lutas que já vem ocorrendo a algum tempo. Foi dessa maneira que os manifestantes dos EUA encararam o dia de luta, já que as manifestações intituladas Occupy Wall Street, vem ocorrendo a algumas semanas em várias cidades do país. Boston, Los Angeles, Phoenix, Tucson, Miami são algumas das cidades envolvidas.

Em Chicago, onde os manifestantes estão acampados em frente a FED (banco central norte-americano), a policia prendeu 175 manifestantes durante a noite quando os manifestantes dormiam em seu acampamento. Em Denver pelo menos 24 pessoas foram presas. Em Nova York 74 pessoas presas enquanto se manifestavam andando em direção a Wall Street. Esses números mostram que os EUA é um dos lugares onde as manifestações, de cunho anticapitalista, encontram maior repressão.

Países da Ásia e Oceania também marcaram com força sua presença nessa corrente mundial. Ocorrem ações na Nova Zelândia e Austrália. Em Sydney trabalhadores da esquerda e aborígenes se concentraram em frente ao Central Reserve Bank australiano.

Os japoneses ligaram a lutam contra o capitalismo com a luta pelo fim das usinas nucleares. Em Manila, nas Filipinas e Taipei, em Taiwan, ocorrem grandes manifestações em frente as bolsas de valores.

A Europa, junto dos países árabes, continua sendo o palco mais acirrado da luta de classes; dessa forma os trabalhadores europeus tomaram às ruas para lutar contra a crise.

Os alemães saíram em luta em Berlim, Leipzig, Hamburgo e Frankfurt onde as manifestações ocorreram em frente ao Banco Central Europeu, um dos epicentros da crise econômica mundial.

Viena na Áustria, Helsinki na Finlândia e Zurique na Suíça foram algumas das cidades conhecidas mundialmente pelas suas riquezas, onde os trabalhadores tomaram as ruas demonstrando que o capitalismo não serve para uma vida digna mesmo nos paraísos fiscais.

As manifestações tiveram suas versões mais radicalizadas onde a crise econômica já avançou ao ponto dos governos não conseguirem garantir o emprego da classe trabalhadora.

Em Portugal 40 mil pessoas manifestaram-se em Lisboa e outras dezenas de milhares na cidade de Porto. Na capital os manifestantes conseguiram furar o certo policial e adentraram o parlamento português onde houve protesto contra os planos de austeridade. Foram presos dois manifestantes e houve atos públicos em resposta à repressão policial.

Na Grécia o dia foi uma prévia das manifestações previstas para o meio da semana subsequente, onde os serviços públicos preparam greve de dois dias - os mesmos dias em que mais planos de austeridade serão votados.

Os manifestantes italianos foram os protagonistas das ações mais radicalizadas. Houve ataques a prédios do governo, onde manifestantes atearam fogo. 70 pessoas ficaram feridas nos confrontos contra a polícia. A repressão foi dura, resultando em 20 presos.

Na Espanha onde o movimento dos "Indignados" começou, a juventude tomou a Purta del Sol em Madri novamente, milhares de manifestantes lotaram a praça pública.

Transformar a indignação em ação para derrotar a burguesia!

Devemos lançar um olhar profundo nesses acontecimentos por que nos coloca lições valiosas sobre a organização dos trabalhadores.

A primeira e mais importante de todas é que não existe se quer um país que está alheio à crise econômica mundial; em maior ou menor grau, todos os trabalhadores estão sendo atacados frontalmente e a partir disso que surge a necessidade de lutar, mais do que nunca, colocando como uma necessidade urgente a revolução socialista mundial.

Outro elemento importante é que os trabalhadores, mesmo sem uma direção clara, se organiza e coordena cada vez mais ações. Pelo simples fato de existir uma data especificamente organizada já coloca a luta contra os ataques da burguesia em um patamar acima.

Mas apesar desses elementos imprescindíveis para o avanço na luta dos trabalhadores muitos aspectos devem ser atingidos para que consigamos a vitória de nossa classe, já que até agora apesar de vários aspectos progressivos, essas mobilizações não avançaram além do que se discutia no Fórum Social Mundial, para exemplificar, onde o lema do encontro era "Outro mundo é possível" sem apresentar uma alternativa revolucionária.

A principal medida é envolver a classe trabalhadora e os desempregados nas manifestações contra o capitalismo. Os trabalhadores e a juventude são aqueles que mais têm a perder com a continuidade do capitalismo, dessa forma o caráter social das manifestações devem deixar de ser essencialmente de juventude, e contar cada vez mais com os trabalhadores e trabalhadoras, colocando suas palavras de ordem nas manifestações. A luta por reajuste salarial, na atual conjuntura, é uma palavra de ordem essencialmente anticapitalista, que se confronta diretamente contra os interesses dos governos e dos patrões.

Os trabalhadores dos países que são vanguarda na luta de classes mundial, como Grécia, Espanha, Portugal, devem organizar um dia de greve geral coordenada para que se façam protestos em que realmente atinja o coração do capitalismo – a produção. Os trabalhadores do mundo todo devem se manifestar em solidariedade a essas greves fazendo grandes atos públicos e discutindo a necessidade de seguir o exemplo de nossos irmãos de classe.

Mas a luta de classe somente será favorável aos trabalhadores quando existir um programa que corresponda as essas necessidades , onde não exista conciliação com o governo e com a burguesia. Somente dessa forma será possível derrotar de fato o capitalismo.

Está na hora de discutir não só o fim do capitalismo, afinal ele já está caindo de pobre, o principal é discutir outro tipo de sociedade – a socialista - e a necessidade de lutar pela revolução. É preciso discutir a necessidade de derrotar os governos de plantão, principalmente os que se dizem de "esquerda". É necessário romper com a burocracia política e sindical, e principalmente a burguesia.

A história do trotsquismo é marcada pela batalha pela construção de uma unidade dos trabalhadores a nível mundial, para destruir o jugo capitalista de uma vez por todas.

Vivemos em uma conjuntura ímpar onde já vemos o embrião daquilo que Trotsky batalhou durante toda sua militância política. Exemplos como esse mostram que os trabalhadores estão rumando pelo caminho certo. O caminho da solidariedade de classes mundial, o caminho da unificação de todas as lutas. **Trabalhadores do mundo, uni-vos!**

Por quê construir e organizar o MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO?

O Movimento Revolucionário é uma organização nova. Surgiu em 2007 e hoje completamos um processo de construção e estruturação dos pilares da nossa organização, que agora nos permitem avançar para um crescimento maior e mais rápido junto aos trabalhadores e ao povo de luta.

Hoje somo carteiros, bancários, professores, estudantes e movimento popular. Militamos nas greves, mobilizações e assembléias. Disputamos os sindicatos, grêmios estudantis e qualquer entidade dessa natureza, para que essas ferramentas deixem de ser controlada por representantes – pelegos - dos governos e dos patrões, e passem para as mãos da base, que deve mandar e controlar os rumos das organizações políticas da nossa classe. É isso que fazemos em cada uma das greves e disputas sindicais em que participamos.

Poucas gerações viveram um período com tantas lutas, greves e revoluções como o atual. No mundo inteiro, levantes de massas enfrentam governos, exércitos e regimes inteiros para defender empregos, salários e direitos. Jovens saem às ruas em defesa dos trabalhadores e exigindo uma educação pública de qualidade. Ativistas ambientalistas, movimentos culturais, negros, mulheres e homossexuais estão presentes em cada uma dessas manifestações.
A revolução mundial segue um curso crescente, com cada vez mais radicalização por parte dos debaixo, dos que cansaram de apanhar, de trabalhar para receber uma miséria, de ser explorado e oprimido.

Ninguém aguenta mais viver com um salário de fome ou desempregado. O transporte público, a saúde e a educação estão um caos. Entra governo, sai governo e a roubalheira segue crescendo, assim como a exploração e o enriquecimento de meia dúzia de capitalistas, donos das terras, dos bancos, grandes empresas e partidos eleitoreiros. Eles mandam na política, na economia, nas armas, na mídia, nas universidades e na justiça. Enquanto isso vivemos endividados, correndo, exaustos do trabalho e adoecendo, não conseguindo garantir nem o básico.

A história e o presente já mostraram de que forma nós não conseguiremos mudar essa realidade. Não será com o voto em urna, não será com ação na justiça; será com muita gente na rua, greve geral e assembléias por locais de trabalho, estudos, bairros e em praças centrais como ocorre hoje no Egito, Tunísia, Espanha, Grécia, Itália, Chile, e em todos os continentes.

As eleições não mudam nada! Só a luta nos trouxe conquistas até hoje. E só a luta e a revolução mundial podem mudar essa vida de crises, guerras, destruição ambiental, tragédias sociais e pobreza geral.

Por isso, fazemos parte da construção da Corrente Revolucionaria Internacional. Hoje, os processos revolucionários e os levantes de massas estão cada vez mais conectados mundialmente. A mudança do sistema através da revolução socialistas também deverá ocorrer mundialmente.

Em todos os cantos do planeta, os indignados começam as revoluções para mudar a realidade e destruir o sistema capitalista. No Brasil, também precisamos nos indignar ainda mais. Mas também, nos organizar, fazendo com que cada uma das greves e lutas em curso se converta em uma grande e massiva paralisação e tomada das ruas para derrotar o governo Dilma e o PT, responsável em nosso país pelos planos de miséria, arrocho salarial e enriquecimento de banqueiros e políticos corruptos.

Viva a luta da classe trabalhadora!
Viva a revolução mundial!
Vamos construir no Brasil um grande Movimento Revolucionário!
Pelo revolução socialista mundial!

O que defendemos:

- Salário mínimo do DIEESE (R$2.200,00). Congelamento dos preços da cesta básica, do transporte público, farmácias.
- Emprego e moradia dignos. Mutirão de obras públicas, creches, escolas, hospitais e habitação, para gerar emprego e acabar com o déficit habitacional.
- Redução da jornada de trabalho sem reduções salariais.
- Contra o caos na saúde pública. Por um SUS de qualidade que atenda a todos e todas, sem filas e falta de médicos e equipamentos básicos.
- Transporte público estatal de qualidade e gratuito. Basta de caos na mobilidade urbana. Mais metrôs, ciclovias e estradas duplicadas.
-Que os ricos paguem pela crise econômica.
- Por uma educação pública, popular, de qualidade e para todos, controlada pelos professores, estudantes e comunidade escolar. 10% do PIB para educação já! Pelo fim do ensino pago.
- Por uma aposentadoria digna, estatal e que corresponda a contribuição dos trabalhadores . Não à nova reforma da previdência. Pelo fim da idade mínima e do fator previdenciário.
- Contra o novo Código Florestal. Contra o modelo agro-exportador e monocultor vigente ainda hoje! Expropriação sem indenização dos latifúndios, sob controle de quem trabalha e produz!
- Reforma agrária ampla, com ocupações e mobilização, para que o campo produza para a sociedade e não para o bolso de multinacional e para o mercado.
- Contra os monopólio das petrolíferas e postos de gasolina, que só pensam no seus lucros. Por uma exploração dos recursos naturais sustentável, de acordo com as necessidades da população e com as condições do meio ambiente!
- Por uma economia planifica e estatal, diferente da anarquia econômica capitalista.
- Expropriação sem indenização e sob controle dos trabalhadores de todas as empresas estratégicas e bancos.
- Contra a privatização das Estatais, Correios, Infraero e aeroportos que Dilma está impondo.
- Por uma democracia real, onde quem manda são aqueles que produzem as riquezas.
- Por um governo dos trabalhadores e de seus organismos de luta, organizados em conselhos de trabalhadores, estudantes e de todo povo.
- As eleições não mudam nada só a luta muda a vida!
- Pelo fim da polícia militar. Por uma polícia única, com eleições e mandatos controlados pelos trabalhadores.
- Pelo fim do racismo. Defesa das cotas raciais em universidade e empresas. Uma dívida histórica que defendemos enquanto houver racismo.
- Defesa dos territórios urbanos e rurais dos que se reivindicam remanescentes quilombolas.
- Fim do genocídio à juventude e povo negro. Fim da ocupação militar nos morros! As favelas precisam de emprego, educação e moradia digna.
- Legalização das drogas para acabar com o tráfico. Campanha pública de educação e tratamento para os dependentes químicos.
- Legalização e descriminalização do Aborto, público, gratuito e de qualidade. Campanha pública de educação sexual e métodos contraceptivos para todos.
- Combate ao machismo e à violência à mulher!
- Creches públicas de qualidade, nos bairros e nos grandes locais de trabalho.
- Criminalização da homofobia já! PL 122!
-Direito à união civil e casamento à todas as relações homoafetivas, com os mesmos direitos dos casais heterossexuais.
- independência de classe e autonomia de todas as entidades sindicais e populares.

TOMAR AS RUAS PARA DERROTAR DILMA!

2011: Aumentam as lutas e as greves. A classe trabalhadora responde aos ataques do governo

O ano de 2011 vem sendo marcado por uma série de processos revolucionários, revoltas sociais, e greves gerais. A conseqüência da crise econômica vem sendo sentida em diversos países. No mundo Árabe a luta conta a exploração capitalista, por salário digno, empregos, moradia, condições de vida, se expressou na luta contra ditaduras de mais de 20, 30 anos. Na Europa, França, Grécia, Espanha, existem lutas através principalmente das greves gerais que param os países. Na América Latina hoje acontece uma luta muito forte no Chile, onde a juventude impulsiona juntamente com setores da classe trabalhadora uma das maiores lutas contra a privatização da educação. Foi organizada uma greve geral de 48 horas, enfrentando a truculência do governo que prendeu mais de 1500 pessoas e matou um jovem estudante. Mesmo assim a luta se fortalece e começa a questionar o governo.

No Brasil tivemos um primeiro semestre onde houve um recorde de greves em comparação aos outros anos. Agora entramos em um momento que se iniciam as campanhas salariais dos setores de peso do movimento sindical, como Correios, Bancários, Metalúrgicos, Petroleiros, servidores públicos e trabalhadores em educação. A resposta dos trabalhadores vem se dando de uma forma bastante combativa e radical. Ocorrem fenômenos como a luta que travaram os bombeiros do Rio de Janeiro, com métodos radicalizados como a ocupação do quartel general. Essa luta foi a resposta para uma intransigência do governo do RJ que tratou esses trabalhadores como vândalos, chegando ao extremo de prender 439 bombeiros que reivindicavam um piso salarial digno, diante do pior salário do país dentro dessa categoria de trabalhadores, que recebia R$900.

Nas obras do PAC (principal programa do governo Dilma) os operários da construção civil vem protagonizando verdadeiras rebeliões de base. Suape e Jirau são emblemáticos e a comprovação da política de arrocho e super-exploração levada a cabo pelo governo do PT. Em canteiros de obras que continham milhares de trabalhadores com as piores condições de alojamento, alimentação, distantes de suas famílias sem condições de fazer visitas, além dos baixos salários, fizeram com que as obras que deveriam servir como a menina dos olhos do governo Dilma virassem palco de lutas fortíssimas dos trabalhadores contra essa política de arrocho e que joga a crise nas costas dos trabalhadores.

Os trabalhadores dos correios acabam de protagonizar uma fortíssima greve, enfrentando o autoritarismo do governo, que aplicou o corte dos dias parados no meio da greve, se recusou a negociar com os trabalhadores. A resposta foi uma greve fortíssima no país inteiro, que culminou com a unificação com a greve dos trabalhadores bancários que também foi forte. Depois do fim do governo Lula e inicio de governo Dilma onde se alardeou que a crise econômica não atingiria o Brasil, nas campanhas salariais desse ano a linha do governo foi de endurecer contra os trabalhadores. Em um ano onde o preço dos itens básicos do dia a dia, como comida, transporte, aluguel, gasolina, tudo ficou absurdamente mais caro, o governo ofereceu de reajuste aos trabalhadores apenas a inflação, sendo ainda esse cálculo completamente fora da realidade dos trabalhadores. Para os Correios o governo apresentou uma proposta de aumento de 6,8%; Aos Bancários 8%. Segundo declarações feitas pelo ministro do planejamento, Guido Mantega durante as campanhas salariais, o governo não teve condições de conceder aumentos maiores que essa falsa inflação, e se tenta enfiar goela abaixo essa miséria de reajuste. Por isso que as greves foram fortíssimas, e nem mesmo os sindicalistas vendidos foram capazes de conter a revolta dos trabalhadores.

Soma-se a isso um cenário onde a classe trabalhadora vê que mesmo com crise os patrões, banqueiros, grandes empresários e multinacionais batem recordes de lucros. Onde se vê deputados, senadores e até mesmo a própria presidente aumentando seus salários em mais de 60%. Se viu recentemente o governo doando bilhões de reais para salvar banqueiros que caminhavam rumo a falência, para os trabalhadores só migalhas.

O mito do crescimento do Brasil, do desenvolvimento, da chance de ser uma superpotência cai por terra ao virar os olhos para a situação dos trabalhadores, e a resposta que vem através das lutas e mobilizações mostram que mesmo num patamar inferior de lutas em relação aos outros países, a classe trabalhadora no Brasil começa a despertar e protagonizar lutas heróicas.

Dilma, um governo fraco, entreguista e anti-operário

O governo Dilma é a continuidade do modelo do PT de governar, que já no mandato de Lula se demonstrou um governo que vai na contramão de tudo que sempre defendeu o PT, ou melhor dizendo, que comprova que o discurso de apoio aos movimentos sociais e inserção no sindicalismo serve nada mais nada menos do que para atacar e precarizar ainda mais o nível de vida dos trabalhadores. Esse governo começa com um corte de R$50 bilhões no orçamento público em uma primeira tacada e agora com mias R$10 bilhões em cortes. É no governo Dilma que se abriu de fato a venda de uma série de aeroportos para a iniciativa privada. No Rio Grande do Norte um já foi vendido, e os próximos serão os aeroportos de Brasília e de São Paulo. Nos correios se aprovou uma medida provisória que abre o capital dessa estatal e permite que se constituam subsidiárias, como forma de oficializar as terceirizações. Aquele papel que tanto denunciou na direita, em FHC, no Serra, hoje é o PT quem aplica o golpe de morte, provando mais do que nunca que governa para os patrões entregando o patrimônio da população na mão de empresários, colocando a riqueza do país a serviço do lucro direto, abandonando qualquer caráter social. Além disso, em apenas dez meses de governo cinco ministros de Dilma caíram, envolvidos em escândalos de corrupção. Pallocci foi o primeiro, e depois acontece um efeito dominó, caindo um atrás do outro, que mostra que além da corrupção existe um jogo de interesses dentro do governo, que faz que figuras arcaicas como Sarney siga sendo ainda uma grande força em Brasília. E convive amistosamente, até demais, com Dilma. Na troca de ministros se mostra que a composição do governo é uma troca de favores entre os partidos, para manter a governabilidade. Nas eleições ocorrem às alianças mais esdrúxulas, e a cada ano se confirma que essa democracia burguesa é uma fachada para manter os mesmos de sempre no poder, e deixar os trabalhadores sempre no mesmo lugar. Tenta-se convencer de que todos os problemas vão ser resolvidos nas urnas, punindo no voto quem vai contra. Acontece que no voto só existem alternativas dos patrões, pois são eles que controlam tudo, desde as campanhas eleitorais até o governo eleito.

Essa combinação, de um governo fraco, cercado de escândalos, e que é obrigado a se enfrentar com a classe trabalhadora cada vez mais diretamente cria-se um cenário propicio a ousar e colocar o governo contra a parede. A necessidade dos patrões é colocar todo o peso da crise nas costas da classe trabalhadora, e é essa política que o governo do Brasil vem tentando levar a cabo. Isso se dá em um momento onde a contradição entre o aumento do custo de vida, do endividamento recorde por parte da população, da situação de perdas salariais, desemprego, e falta de respostas para todos esses problemas, por parte do governo cria um cenário de enfrentamentos, aumento das lutas e abre um espaço para ter uma política ainda mais ousada, para derrotar esse plano de Dilma.

Mobilização dos bancários do RN em frente ao Banco do Brasi.

Unificar as lutas para derrotar os planos de privatização e rebaixamento de salários do governo Dilma

Os trabalhadores estão cansados de viver uma situação precária e vendo seus direitos irem para o ralo. A queda no poder de compra é sentida por todos. A inflação, o custo de vida altíssimo coloca muitos que nunca lutaram ou fizeram greve em movimento. Não é fácil para os patrões e governo acalmar os ânimos com migalhas, pois essa situação toda somada ao nível de endividamento da população é tão alto que migalhas não resolvem nada, acabam gerando mais revolta.

Da mesma forma que o governo tenta impor um plano para salvar os patrões da crise, é necessário à classe trabalhadora e o movimento sindical, ter um plano para responder a altura. A desorganização e o nível de atrelamento de boa parte do movimento sindical ao governo fazem com que fique mais difícil dar uma resposta unitária. Com boa parte dos sindicatos atrelados a CUT (Central Sindical controlada e dirigida pelo PT), acontece no Brasil algo muito bem pensado por parte desses sindicalistas vendidos. Como é que pode existirem tantas categorias de peso, que protagonizam fortíssimas greves a cada ano que passa e até hoje não se ter construído uma greve unificada, como forma de parar o país e impor as reivindicações de cada uma destas categorias? Porque acaba uma campanha salarial começa outra? Poderia muito bem a Central Única dos Trabalhadores, até mesmo a CTB (central dirigida pelo PcdoB) construir e impulsionar um calendário unificado de lutas, para construir as condições de uma greve geral no país. Mas isso acontece não por acaso, ocorre justamente para impedir que os trabalhadores saiam vitoriosos, pois uma vitória nossa, imposta com luta poderia servir de exemplo e ir mais além dos salários, e questionar esse governo fraco e com cada vez menos moral entre os trabalhadores.

Nossa militância nas greves esta a serviço da unificação e fortalecimento das lutas.

Nas campanhas salariais desse ano, a burocracia sindical ligada a CUT, CTB, Força Sindical, fez de tudo para tentar, por exemplo, adiar a greve de bancários e encerrar a dos correios, para que não coincidissem. A revolta e indignação das bases dessas categorias formaram um cenário muito incomodo ao governo, que culminou nas greves de dois setores importantes. Nesse sentido, o Movimento Revolucionário atuou e impulsionou a unificação destas lutas, como ocorreu em atos grandiosos entre correios e bancários. Impulsionando a luta contra o governo e colocando a burocracia contra a parede os deixado sem saída diante de uma política ousada. As burocracias utilizaram os antigos métodos de calunias, tentativa de impedir que as bases participassem das decisões, ou até mesmo proibindo intervenções em atos construídos em unidade. Numa tentativa deslocada de blindar o governo. Para conter esse ascenso das lutas, Dilma de forma truculenta através da justiça, sobre ameaça de demissões e perdas salariais, impôs a volta da categoria de correios aos seu locais de trabalho colocando fim a greve. Foi somente dessa forma que o governo conseguiu fazer com que os grevistas voltassem a trabalhar, pois o sentimento da categoria era de ir até o final na luta de suas reivindicações atropelando suas direções sindicais burocratizadas e governistas. Em bancários e nas demais categorias as direções sindicais base aliadas do governo Dilma mais uma vez promoveram a traição ao movimento entregando a greve e aceitando as migalhas de reajuste do governo. Mesmo com a truculência de Dilma e a traição das direções sindicais governistas os trabalhadores de todas as categorias saíram das greves de cabeça erguida e com espírito de vitória, pois formam até o final e conseguiram um reajuste salarial maior do que a primeira proposta do governo, reajuste este longo do ideal reivindicado pelas categorias mais uma vitória arrancada com a luta das categorias que se dependesse de suas direções não teriam o conseguido. Mais outras campanhas salarias viram e muitas outra lutas contra os ataques de Dilma, por isso segue sendo necessário a unificação das lutas da classe trabalhadoras a nível nacional através de uma unidade que deixe bem claro a tarefa que está colocada para o conjunto dos trabalhadores: De enfrentar Dilma derrotando sua política de fome e entrega do patrimônio do país como vem fazendo nesses seus poucos meses de mandato. Que Correios e Bancários seja só um embrião de um fortalecimento ainda maior das lutas, e da construção de uma unidade nas ruas, nas greves que passe por cima do governo e dos setores vendidos dentro do movimento sindical.

Diante da traição do PT, da burocracia da CUT e CTB, fortalecer a oposição de esquerda a Dilma

A tranqüilidade e estabilidade do governo vão até onde consegue controlar e abafar suas crises internas e também até onde consegue controlar o movimento sindical e popular. Boas partes do ativismo sindical, e dos trabalhadores em geral, viram o PT construir uma consciência de luta, de greves e hoje vêem nesse partido o principal inimigo, é quem melhor implementa os planos do Banco Mundial e do FMI no Brasil. Mesmo aqueles que rechaçaram os governos do Fernando Henrique Cardoso vêem a algum tempo no PT a continuidade deste governo, aplicando em gênero, número e grau o mesmo programa de ataques, privatizações e truculência dos tempos da "direita". Hoje o PT é um partido burguês, igual a todos os outros que apostam na democracia burguesa e no parlamento como saída. O abandono das lutas, e o fato de muitos terem se passado para o outro lado da trincheira, obriga que aqueles trabalhadores que a cada greve vêem as traições, vêem as manobras, a se colocarem a tarefa de impulsionar algo novo no país. É preciso fortalecer as oposições sindical, como forma de ultrapassar esse obstáculo para a luta que esses ex companheiros se tornaram, e construir um outro tipo de organização, para ação direta e com um programa revolucionário.

O Movimento Revolucionário se coloca a serviço desta tarefa. Por isso levamos uma política de enfrentamento ao governo Dilma nas entidades em que estamos presentes, e impulsionamos oposições e correntes de base para superar esse sindicalismo vendido e completamente cooptado ao estado burguês. A cada greve e mobilização a classe trabalhadora dá demonstração de sua força, sua garra, e aponta o único caminho que deve ser seguido por aqueles que se vêem obrigados a lutar: Passar por cima das direções traidoras, passar por cima da frente popular, unificando as lutas para apresentar um programa operário imposto nas ruas e na construção de uma greve geral unificada em nosso país.